



YULIIA KYSELOVA E BHOYE DIALLO

REFUGIADOS

Yuliia e Bhoeye encontraram refúgio em Portugal. Mas os seus caminhos (e dificuldades) não podiam ser mais diferentes

EXCLUSIVO

Oferecer artigo 1

Yuliia ouviu as primeiras explosões do lado de fora da janela, escondeu-se em corredores e fugiu da Ucrânia. Bhoeye viveu na rua, cruzou o deserto do Sara e atravessou o mar Mediterrâneo para poder voltar a sentar-se numa sala de aula. Agora, ambos vivem em Portugal, mas, até aqui chegarem, os seus caminhos não podiam ter sido mais diferentes.



Ouçã este artigo aqui



1.0x

00:00

19:01

- **Guia visual: mapas, vídeos e imagens que explicam a guerra** (<https://www.publico.pt/2022/02/24/infografia/russia-invade-ucrania-guia-visual-entender-guerra-661>)
- **Especial: Guerra na Ucrânia** (<https://www.publico.pt/guerra-ucrania>)

A jovem ucraniana Yuliia Kyselova sempre teve uma vida carregada de “planos, sonhos e expectativas”. Recorda com felicidade as viagens que fazia, em pequena, até à Crimeia, na Ucrânia (<https://www.publico.pt/crimeia>): a família arrendava uma casa com vista para o mar e passavam os dias a escalar montanhas, chegando a atravessar um dos montes mais altos da Crimeia, conhecido como Ai Petri.

(<https://www.publico.pt/2022/03/01/mundo/noticia/ha-oito-anos-oksana-fugiu-crimeia-alertou-ai-vinha-1997267>) Agora, com 25 anos, vivia em Kiev e os seus planos faziam-se longe de montanhas: depois de sair do trabalho, como gestora de redes sociais de uma empresa, Yuliia gostava de se encontrar com os amigos junto do Teatro Ivan Franko, um dos mais conhecidos da capital ucraniana (<https://www.publico.pt/kiev>), mas não sem antes parar em algum café a pedir um chocolate quente, numa tentativa de enganar os dias mais frios de Inverno.

Este ano, a vida de Yuliia mudou radicalmente - assim como a de todos os ucranianos. Ao fim de vários meses de tensão, com milhares de militares russos na fronteira ucraniana (<https://www.publico.pt/guerra-ucrania>), a Rússia invadiu o país vizinho (<https://www.publico.pt/guerra-ucrania>), causando centenas de mortes e obrigando milhares de pessoas a fugir das suas casas.

(<https://www.publico.pt/2022/03/03/mundo/noticia/autoridades-locais-confirmam-tomada-russa-kherson-milhao-pessoas-ja-sairam-ucrania-1997423>) “Eu nunca acreditei que este horror pudesse acontecer. De um momento para o outro, senti que ia perder tudo aquilo que tinha e tudo aquilo que amava”, confessa Yuliia.



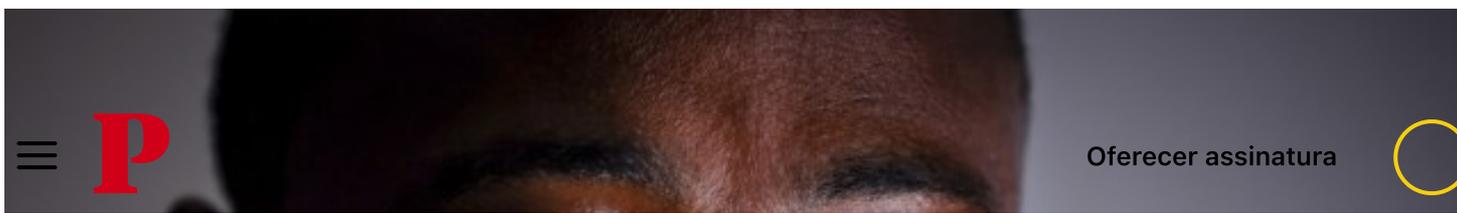


Yullia é ucraniana e chegou de Kiev há poucas semanas MATILDE FIESCHI

Noutro continente, Bhoie Diallo, de 21 anos, também passou os momentos felizes da infância junto ao mar, em Conacri, a capital e a maior cidade da Guiné-Conacri. (<https://www.publico.pt/guine-conacri>) O pai de Bhoie costumava levá-lo, juntamente com os dois irmãos mais novos, para a zona ribeirinha da cidade, onde passavam as tardes a brincar. Mas não tardou até serem confrontados com a agitação que o país vivia: depois de décadas de regimes militares e autoritários, em 2010 o país elegeu Alpha Condé como Presidente (<https://www.publico.pt/2020/10/24/mundo/noticia/alpha-conde-vence-presidenciais-guineconacri-59-votos-1936596>), mas os conflitos étnicos não abrandaram. Ao mesmo tempo, multiplicavam-se as manifestações de oposição ao regime, que resultavam constantemente em mortes.

(<https://www.publico.pt/2009/09/30/jornal/massacre-de-manifestantes-na-guineconacri-provocou-pelo-menos-157-mortes-17921868>)

“Um dia, estava na escola e as pessoas começaram a gritar: ‘Fujam! As manifestações começaram!’ Saí a correr da escola e estive seis horas a fugir da polícia. Na altura, disparavam sobre toda a gente”, recorda Bhoie. A par desta situação caótica do país, o seu pai morreu quando ele era pequeno e as dificuldades amontoaram-se. A mãe não conseguia sustentar a família sozinha nem proteger os filhos da violência que dominava as ruas, e, por isso, decidiram fugir do país.





Bhoie, 21 anos, nasceu na Guiné-Conacri NUNO FERREIRA SANTOS

Yuliia e Bhoie são vítimas de conflitos diferentes. A jovem ucraniana faz parte dos mais de quatro milhões de refugiados que fogem à invasão do seu país pela Rússia (<https://www.publico.pt/2022/03/24/sociedade/noticia/refugiados-ucrania-portugal-ja-sao-20-mil-cerca-5-sao-nacionalidades-2000042>), e assiste a uma onda de solidariedade na Europa sem precedentes. Mas, apesar da amplitude desta nova crise, não é a primeira vez que se assiste ao movimento em massa nas fronteiras europeias. (<https://www.publico.pt/2019/01/03/mundo/noticia/migrantes-mediterraneo-europa-1856539>) Bhoie fez parte da crise de refugiados de 2018, altura em que milhares de pessoas morreram no mar Mediterrâneo (<https://www.publico.pt/2019/01/03/mundo/noticia/migrantes-mediterraneo-europa-1856539>), ao tentar chegar à Europa, e a União Europeia era criticada pelo atraso na resposta de ajuda. (<https://www.publico.pt/2018/07/24/sociedade/entrevista/uniao-europeia-falhou-reiteradamente-com-os-refugiados-e-migrantes-1838251>) Países como a Polónia, que agora está na linha da frente na recepção de ucranianos, eram criticados, na altura, por fecharem fronteiras. (<https://www.publico.pt/2021/11/22/mundo/noticia/ue-endureceu-fronteiras-nao-acabou-problemas-1985801>) Aliás, o antigo presidente do Conselho Europeu Donald Tusk defendeu que os refugiados que chegassem à Europa deviam ficar detidos durante 18 meses (<https://www.theguardian.com/world/2015/dec/02/detain-refugees-arriving-europe-18-months-donald-tusk>), período em que se examinava os riscos de segurança e terrorismo.

Actualmente, as histórias de Yulia e Bhoie cruzam-se e ambos encontraram refúgio em Portugal. Fugiram à guerra e à violência, mas, até aqui chegarem, os seus caminhos (e obstáculos) não poderiam ter sido mais diferentes.

Oferecer assinatura

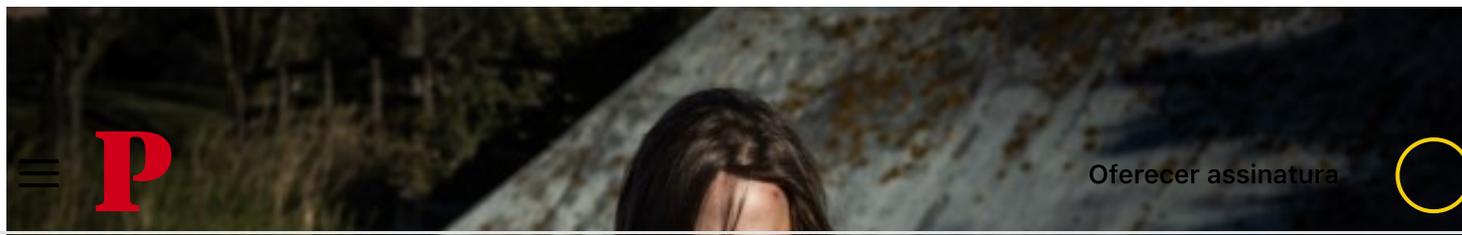


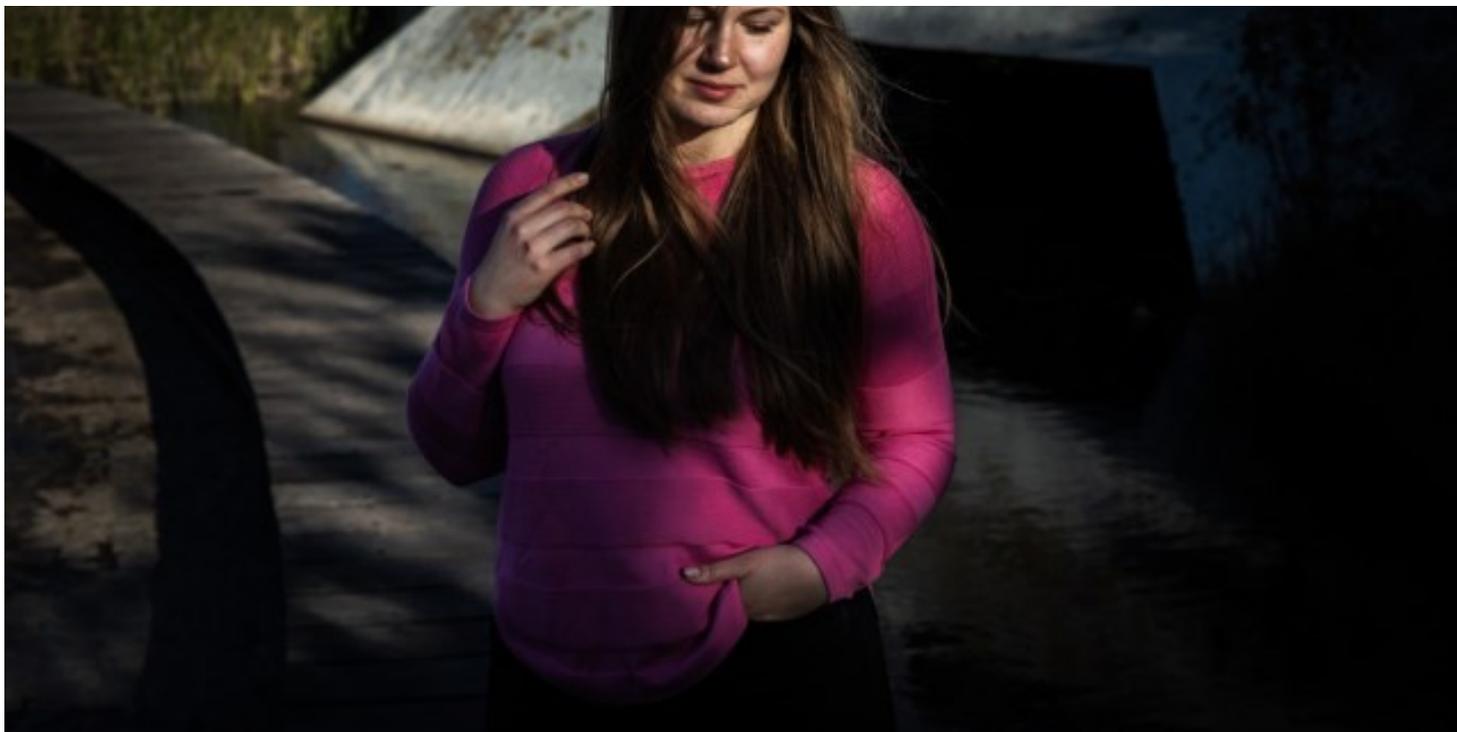
Medo de não acordar

Yuliia vivia sozinha no 18.º andar de um dos vários prédios do centro de Kiev – e foi precisamente sozinha que ouviu a primeira explosão (<https://www.publico.pt/2022/04/03/mundo/noticia/explosoes-registadas-odessa-imagens-kiev-mostram-rasto-morte-guerra-2001190>), na madrugada de 24 de Fevereiro. “Liguei o telemóvel para ver as notícias, mas não vi nada. Pensei que era um pesadelo e voltei para a cama”, recorda Yuliia, que, minutos depois, ouviu uma segunda explosão. (<https://www.publico.pt/2022/04/03/fotogaleria/estrada-destruicao-ucrania-407842>) “Nesse mesmo momento, a minha mãe liga-me a chorar e a gritar. Disse para ir buscar os meus documentos e as minhas coisas e para ir ter com eles”, acrescenta.

Nos primeiros dias da invasão, as filas de carros para sair de Kiev (<https://www.publico.pt/2022/02/26/fotogaleria/combates-despedidas-terceiro-dia-invasao-russa-ucrania-407620>) estendiam-se por vários quilómetros, o que impedia Yuliia de ir ter com os pais, que viviam no centro da Ucrânia, a 300 quilómetros da capital. Em pânico, acabou por procurar abrigo na casa de amigos, do outro lado de Kiev, perto de Irpin. Mas as explosões também aconteciam no seu lado da cidade. (<https://www.publico.pt/2022/04/04/mundo/perguntaserespostas/sao-crimes-guerra-investiga-julgar-2001313/amp>) “Durante toda a semana, estava constantemente a ouvir explosões e parecia que estavam cada vez mais próximas. Todos os dias, quando ia para a cama, ficava com medo de não acordar. Fiquei com medo de tudo, até quando ouvia o som da máquina de lavar”, diz Yuliia, que, como estava longe de um abrigo antiaéreo (<https://www.publico.pt/2022/03/03/p3/noticia/cave-restaurant-kiev-tornouse-abrigo-guerra-dono-alimenta-1997441>), abrigava-se nos corredores da casa quando ouvia alguma explosão, estando o mais afastada possível de qualquer janela.

Passados alguns dias, a jovem ucraniana fugiu para o Oeste da Ucrânia, com a ajuda de uma voluntária que usava o seu carro para ajudar as pessoas a fugir de Kiev. (<https://www.publico.pt/2022/03/25/mundo/noticia/ucrania-20-mil-voluntarios-mundo-estao-combater-forcas-russas-2000113>) Recorda-se do momento em que saiu de casa e viu vários prédios destruídos, carros incendiados e as pessoas assustadas (<https://www.publico.pt/2022/03/10/p3/noticia/imagens-destruicao-ucrania-invasao-russa-1998070>) a formarem filas à porta das farmácias. “Nunca tive tanto medo...”, afirma Yuliia.





"Fiquei com medo de tudo, até quando ouvia o som da máquina de lavar", diz Yuliia MATILDE FIESCHI

Em três dias de viagem, fizeram algumas paragens pelo caminho. Desde o início da guerra, houve vários espaços que se adaptaram para receber refugiados ucranianos. (<https://www.publico.pt/2022/02/25/sociedade/noticia/ucranianos-manter-portas-abertas-vamos-pedir-portugueses-tambem-facam-1996733>) No caso de Yuliia, encontrou guarida num jardim-de-infância em Khmelnytsky e numa igreja em Lviv – cidades que se encontram mais a oeste e a que muitos ucranianos recorrem como primeiro refúgio (<https://www.publico.pt/2022/03/03/mundo/reportagem/cidade-longe-linhas-frente-refugio-fogem-kharkiv-tempo-1997517>).

Quando finalmente chegaram a Uzhgorod, que faz fronteira com a Hungria (<https://www.publico.pt/guerra-ucrania>), Yuliia ficou em casa de outros amigos, mas a mãe, preocupada, continuava a insistir em que ela abandonasse o país.

“Inesperadamente, pensei em ir para Portugal. Apaixonei-me por este país quando o visitei pela primeira vez, em Setembro”, diz a jovem, que ficou maravilhada com a arquitectura lisboeta e o oceano “hipnotizante”. Desde que a notícia da invasão da Ucrânia chegou aos ouvidos do mundo (<https://www.publico.pt/2022/02/28/p3/noticia/solidariedade-norte-sul-pais-onde-doa-bens-ucrania-1997120>), uma onda de solidariedade estendeu-se pela Europa (<https://www.publico.pt/2022/02/25/mundo/analise/invasao-ucrania-abala-ordem-internacional-1996876>) e, por isso, não foi difícil encontrar ajuda. Yuliia falou com uma amiga que conhecia uma pessoa em Portugal que a poderia receber em Lisboa.



(<https://www.publico.pt/2018/06/26/mundo/noticia/o-deserto-do-sara-mata-ainda-mais-migrantes-do-que-o-mediterraneo-1835846>), cada pessoa só podia levar entre cinco e dez litros de água. “A viagem tanto poderia demorar duas semanas como um mês”, explica.

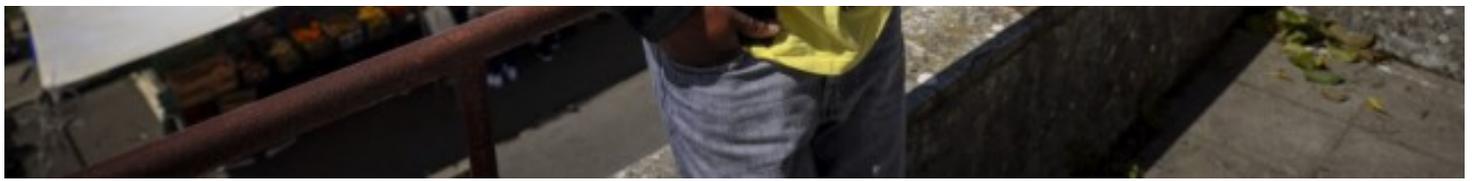


"Depois de o meu pai morrer, eu só queria estudar", diz Bhoie NUNO FERREIRA SANTOS

Ao longo da viagem, Bhoie viu vários corpos mortos amontoados no chão do deserto. “Muitas pessoas morriam quando eram apanhadas pelos tuaregues (<https://www.publico.pt/2012/04/07/jornal/tuaregues-guia-dos-homens-livres-24331004>) [povo que controlava a rota da caravanas no deserto do Sara]”, explica o jovem. “Tive muito medo. Por causa da areia, tínhamos de pôr uma camisola a tapar os olhos. Para me acalmar, recitava o Alcorão”.

Chegar a Marrocos foi “um grande alívio”. “Tive a sensação de que era ali que ia fazer a minha vida (<https://www.publico.pt/marrocos>)”, recorda. Mas, mais uma vez, as dificuldades não tardaram a surgir. Em Tânger, cidade conhecida como ponto de passagem entre África e a Europa, Bhoie sofria com episódios de racismo. (<https://www.publico.pt/2010/08/13/jornal/espanha-e-marrocos-trocam-acusacoes--de-racismo-na-cidade-fronteirica-de-melila-20012455>) Havia crianças que atiravam pedras quando o viam, era trocado várias vezes de lugar nas mesquitas porque as pessoas não queriam sentar-se perto dele e, quando entrava em algum café, havia pessoas que se levantavam para sair. “Uma vez, entrei num restaurante e um grupo de rapazes saiu logo do restaurante. Um deles cuspiu na minha cara e ninguém disse nada. Isso magoou-me muito.”





“Perdemos logo uma jovem, que não sabia nadar e caiu dentro do mar. Nós não podíamos voltar para trás, não podíamos ajudar”, relata Bhoje NUNO FERREIRA SANTOS

Por outro lado, quando a polícia encontrava os acampamentos de refugiados, destruía tudo. “Metiam-nos num carro e deixavam-nos no deserto sem nada. Isso aconteceu-me duas vezes. Na segunda vez, deixaram-me a 800 quilómetros de Tânger”. Cada vez mais exausto por esta situação, Bhoje começou a sonhar com a Europa.

(<https://www.publico.pt/2021/07/21/p3/fotogaleria/olhares-pessoas-refugiadas-ocuparam-ruas-para-que-nao-desviemos-nossos-406462>) O rapaz que tinha conhecido em Marrocos, e que se tornou no companheiro de todas as dificuldades, tentou convencê-lo a atravessarem (<https://www.publico.pt/2019/01/30/mundo/noticia/2018-morreram-seis-pessoas-dia-tentar-atravesar-mediterraneo-1860032>) o mar Mediterrâneo juntos. (<https://www.publico.pt/2019/01/30/mundo/noticia/2018-morreram-seis-pessoas-dia-tentar-atravesar-mediterraneo-1860032>) “Eu nem sabia nadar. Estava com muito medo de arriscar a minha vida... mas percebi que era a única coisa que podia fazer...”

Depois, o Mediterrâneo

Numa noite, os traficantes que organizavam a travessia do mar Mediterrâneo juntaram várias pessoas e escolheram quem poderia embarcar para Espanha.

(<https://www.publico.pt/2019/01/30/mundo/noticia/2018-morreram-seis-pessoas-dia-tentar-atravesar-mediterraneo-1860032>) “Eu fui seleccionado, mas o meu amigo não, disseram que não podia ir. Eu disse logo que também não ia, mas obrigaram-me a continuar”, recorda Bhoje. “Esse foi o primeiro momento em que comecei a chorar.”

Depois de escolhidas as 48 pessoas que iam atravessar o mar, tiveram de entrar para dentro de uma carrinha “como as que se usa para fazer mudanças”, descreve o jovem. Sem nenhuma janela, o ambiente era irrespirável e as pessoas vomitavam dentro da carrinha. (<https://www.publico.pt/2019/01/25/infografia/refugiados-nao-sao-fluxos-sao-pessoas-297>) “Quando saímos da carrinha, muitas pessoas caíram no chão, sem força nas pernas”, afirma. Ainda assim, eram obrigados a caminhar cerca de duas horas até chegar à costa, onde estava o barco que os levaria à Europa.

(<https://www.publico.pt/2019/10/06/mundo/noticia/mediterraneo-continua-rota-mortifera-mundo-1889035>) Tinham de embarcar por volta da 1h, para não se cruzarem com a polícia marroquina. “Começámos por empurrar o barco para a água e tínhamos de ter muito cuidado para não furarmos o barco com as pedras. Se furasse, não havia volta a dar e só nos apercebíamos dentro do mar”, explica.



Como não sabia nadar, ficou em pânico quando sentiu a água à altura do peito, enquanto tentava saltar para dentro do barco. “Não sei como consegui. Não sei se fui eu ou se alguém me puxou. Estava cheio de medo. Perdemos logo uma jovem, que não sabia nadar e caiu dentro do mar. Nós não podíamos voltar para trás, não podíamos ajudar”, relata. “Fiquei completamente perdido, sem esperança”, diz Bhoje, que recorda como as mulheres e as crianças ficavam no meio do barco

(<https://www.publico.pt/2021/01/20/mundo/noticia/menos-43-migrantes-africanos-morreram-naufragio-2021-onu-1947178>), enquanto os homens tinham de ocupar as bermas, com um “pé dentro e um pé fora, para fazer equilíbrio”.

“O cheiro era horrível. As pessoas vomitavam muito e não podiam vomitar para dentro do mar para não atrair peixes, que podiam furar o barco. Vomitavam para dentro do barco (<https://www.publico.pt/2020/12/24/mundo/noticia/refugiados-menos-20-mortos-largo-tunisia-1944149>), umas em cima das outras. Também não podíamos fazer chichi para o mar. Tudo aquilo que precisávamos de fazer tínhamos de fazer dentro do barco”, recorda. “Eu sentia que ia morrer ali.”

Tratamento diferente nas fronteiras

“Existe uma clara diferença no tratamento da União Europeia (UE) face às diferentes crises dos refugiados”, começa por dizer a professora e investigadora Beatriz Padilla, do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa, que também dá aulas na Universidade do Sul de Florida. Actualmente, os refugiados ucranianos recebem “melhor acolhimento e disponibilização de recursos” na UE, em comparação com o que aconteceu em 2015, quando foi adoptada uma política europeia de criação de países “tampão”, como a Turquia, que impedia os refugiados que fugiam da guerra da Síria de chegar à Europa. Também em 2018, países como a Polónia fecharam fronteiras a refugiados de África e do Médio Oriente e recusaram o pacto migratório da UE para receber requerentes de asilo.

Esta diferença de tratamento acontece, desde logo, pela proximidade geográfica e cultural que a Ucrânia tem do resto da Europa. Ainda assim, a investigadora destaca que, mesmo na fronteira ucraniana, as pessoas racializadas ou imigrantes continuam a sofrer discriminação. Por exemplo, em Fevereiro dois estudantes portugueses foram impedidos pelas autoridades ucranianas de sair do país por serem “africanos”

(<https://www.publico.pt/2022/03/02/sociedade/noticia/africanos-fim-fila-portugueses-alvo-racismo-tentarem-fugir-guerra-ucrania-1997365>). Por outro lado, a investigadora considera que esta proximidade também é estabelecida pelos órgãos de comunicação social — cujas narrativas e imagens partilhadas podem influenciar a receptividade da opinião pública.



“Existe uma grande diferença de como vagas anteriores de refugiados foram apresentadas nos media, tanto na Europa, como nos Estados Unidos. No caso de imigrantes ucranianos, o discurso dominante é de proximidade cultural e especialmente de proximidade étnico-racial.”

Por volta das duas da tarde, depois de terem gasto grande parte da gasolina (que era contada meticulosamente para a viagem) a tentarem sair de uma corrente que os fazia andar em círculo, viram, ao longe, um barco de salvamento de refugiados.

(<https://www.publico.pt/2020/09/01/mundo/noticia/ha-requerentes-asilo-serem-abandonados-deriva-mediterraneo-1929995>) “Chegámos a Cádiz por volta das 21h”, diz Bhoie. Com a ajuda da Cruz Vermelha, os migrantes eram ajudados a seguir para outras cidades. Quando chegou ao centro de acolhimento em Madrid

(<https://www.publico.pt/2022/03/17/sociedade/noticia/cp-deixou-refugiados-apeados-badajoz-restantes-viajar-pe-ate-portugal-1999206>), foi aconselhado a ir para França – o francês é a sua língua materna –, mas rapidamente soube dos casos de racismo lá reportados. Escolheu Portugal

(<https://www.publico.pt/2020/02/15/sociedade/noticia/portugal-deixa-refugiados-resgatados-mar-documentos-validos-1904228>) e, depois de dois anos a cruzar fronteiras, chegou finalmente a Lisboa. “O comboio parou na Estação do Oriente no dia 28 de Agosto de 2018. Eram 5h.”

O dia depois da chegada

O Estado português tem reunido esforços para apoiar a comunidade ucraniana em Portugal (<https://www.publico.pt/2022/03/09/sociedade/noticia/governo-lanca-plataforma-reune-apoios-ucranianos-sef-aceitou-4039-pedidos-proteccao-1998152>) – seja no acesso à habitação, emprego, ou mesmo educação. Mas também há iniciativas da população que surtem de todo o lado

(<https://www.publico.pt/2022/02/25/mundo/noticia/ajudar-precisa-ucrania-1996764>): como livros infantis que são traduzidos a pensar nas crianças que estão a chegar ou movimentos que se mobilizam para arranjar casa a migrantes ucranianos.

(<https://www.publico.pt/2022/03/03/mundo/noticia/nova-associacao-ucranianos-quer-trazer-milhares-refugiados-portugal-1997463>)

Yuliia chegou há algumas semanas e já fez o pedido de protecção temporária, mas ainda não recebeu resposta. No entanto, foi ajudada por uma rapariga ucraniana

(<https://www.publico.pt/2022/03/09/sociedade/noticia/caminho-ucrania-segue-ajuda-portuguesa-1998059>), que arranjou um quarto gratuito no centro da cidade, junto ao

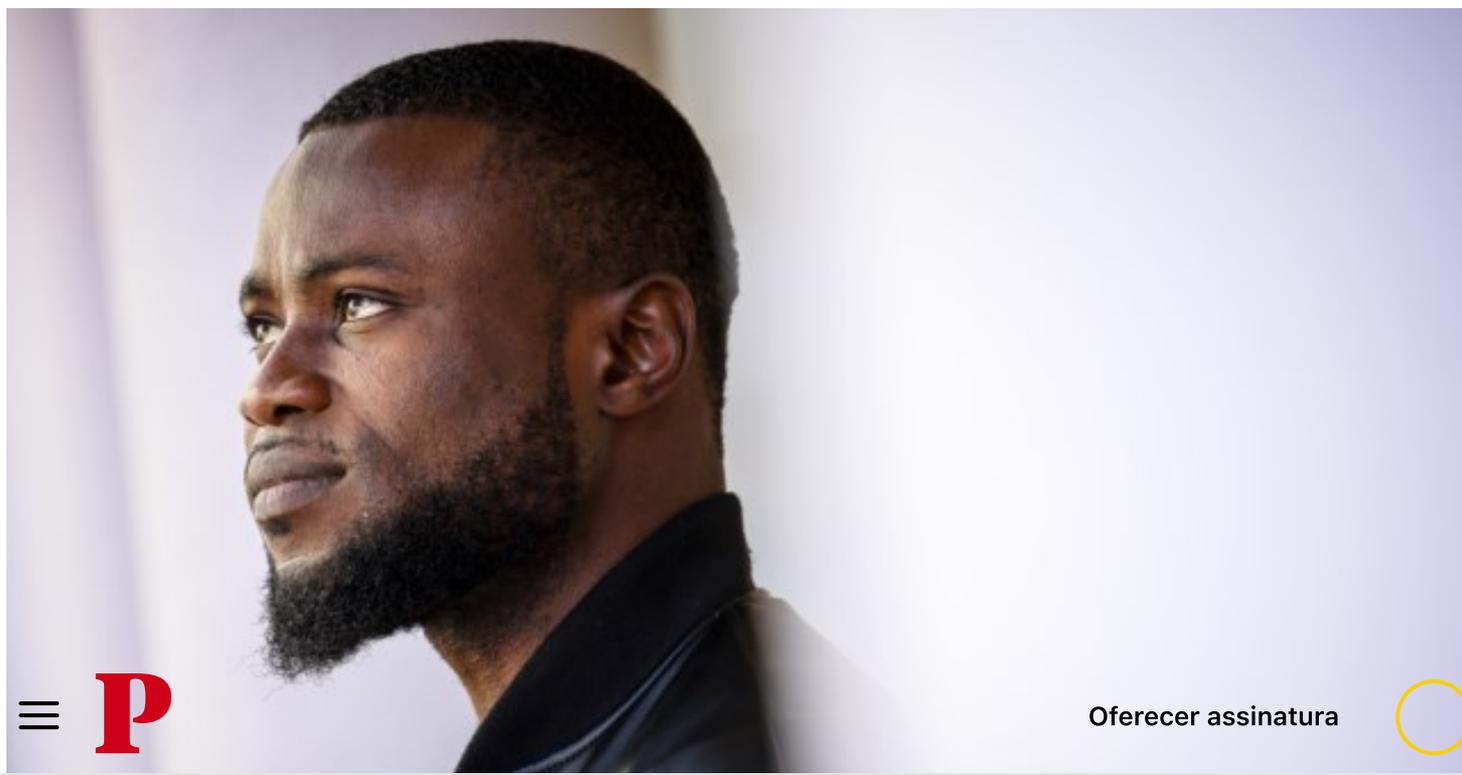


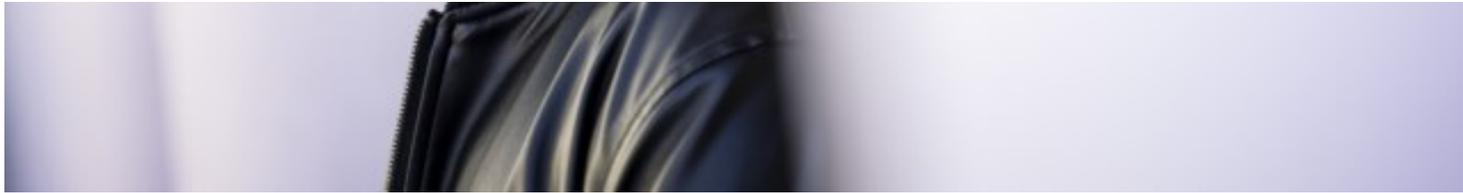
Parque Eduardo VII. “Nesta situação, eu senti que era mesmo uma pessoa com muita sorte”, diz Yuliia. “A maioria dos meus amigos perdeu os empregos devido à situação do país, e por isso ficaram na Ucrânia. Têm medo de sair por falta de dinheiro”, justifica.

Neste momento, Yuliia consegue trabalhar remotamente para a sua empresa, sediada nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, tem descoberto novas amizades em casa. (<https://www.publico.pt/2022/02/27/sociedade/noticia/kateryna-david-criaram-rede-ajudar-ucranianos-chegar-portugal-pedidos-ofertas-nao-param-1997020>) “Os meus colegas de casa apoiam-me e tentam ajudar a sentir-me confortável aqui”, diz Yuliia, que, desde que chegou, já os ensinou a fazer alguns pratos típicos ucranianos, como o *borsch*.

Para Bhoeye, a chegada foi diferente. Quando saiu do comboio na Estação do Oriente, em Lisboa, pediu ajuda a dois polícias, explicando que era refugiado, menor de idade, e que procurava asilo. “Escreveram num papel ‘Rua Passos Manuel, n.º 40’. Era a morada do SEF (<https://www.publico.pt/servico-de-estrangeiros-e-fronteiras>), onde eu devia pedir protecção internacional”, explica Bhoeye.

Como não conhecia Lisboa nem sabia como chegar ao endereço indicado, só conseguiu chegar às instalações do SEF às 16h. Recebeu de imediato apoio, e durante quatro meses viveu num centro de acolhimento (<https://www.publico.pt/2018/07/25/sociedade/noticia/familia-com-crianca-detida-vai-ser-transferida-para-centro-de-acolhimento-de-refugiados-1839146>), na Bela Vista. “O centro estava cheio, e nas primeiras semanas dormi no chão, num colchão. Para mim, era óptimo, eu já tinha dormido várias vezes na rua”, diz Bhoeye, que partilhava o quarto com sete jovens, numa casa onde viviam, no total, 31 pessoas.





Bhoye chegou à estação do Oriente, em Lisboa, no dia 28 de Agosto de 2018 NUNO FERREIRA SANTOS

Em 2018, cerca de 1448 estrangeiros pediram asilo a Portugal

(<https://www.publico.pt/2019/04/27/sociedade/noticia/portugal-rejeitou-40-pedidos-asilo-2018-1870607>) – o número mais alto desde 1993. Angola, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Ucrânia e Venezuela

(<https://www.publico.pt/2019/04/25/sociedade/noticia/portugal-deu-luz-verde-625-pedidos-asilo-2018-1870487>) foram os países de origem com mais pedidos feitos. Mas, por cá, os primeiros meses de Bhoye nem sempre foram fáceis. Lembra-se de estar no metro de Chelas e ver uma mulher com um carrinho de bebé a tentar descer as escadas.

“Aproximei-me para a ajudar, e ela gritou comigo, para eu não tocar em nada, que eu era um preto. Havia muitas pessoas ali. Fiquei muito envergonhado...”, recorda.

No entanto, foi em Portugal que Bhoye conseguiu concretizar o seu sonho: voltar a estudar. Inscreveu-se na Escola D. Dinis, que ficava mais perto do centro de acolhimento.

“Nesse dia, não parava de sorrir”, diz Bhoye. “No início, foi difícil. Só havia vagas no curso de Economia e eu não gostava nada de Matemática, mas fiquei. Não havia outra opção”, explica o jovem.

Como muitas vezes era difícil estudar no centro de acolhimento – por causa do barulho e da azáfama que nunca acalmava –, a Santa Casa ajudou-o, quando completou os 18 anos, a encontrar um quarto. Mas esta tarefa também foi complicada. “Os senhorios diziam que o quarto estava disponível, depois, quando sabiam que eu era da Guiné-Conacri, já não estava (<https://www.publico.pt/2017/08/26/sociedade/noticia/ha-uma-preferencia-obvia-dos-senhorios-alugarem-casa-a-brancos-1782904>)”, explica Bhoye. Depois de algum tempo, finalmente encontrou um quarto na Brandoa, Amadora.

Já no caso de Yuliia, desde que chegou sente que todas as pessoas “são gentis e prestáveis”. Apesar da barreira da língua, sente que há um esforço para comunicarem com a jovem em inglês (<https://www.publico.pt/2022/03/07/sociedade/noticia/ucrania-caritas-portugal-inicia-hoje-campanha-ajuda-1997835>). Ainda assim, não sabe por quanto tempo ficará no país. “Achei que me sentiria mais calma quando não ouvisse os tiros do lado de fora da janela. Foi possível sair do país, mas o meu coração e a minha alma ficaram lá, com minha família

(<https://www.publico.pt/2022/03/16/sociedade/noticia/numero-criancas-jovens-ucranias-matriculados-escolas-portuguesas-triplica-sao-300-alunos-1999061>)”

P Oferecer assinatura



justifica. Também Bhoie pensa muito no dia em que voltará a ver a família. Só há pouco tempo conseguiu ligar, pela primeira vez, para a mãe, desde o dia em que fugiu. “Ela achava que eu tinha morrido. No primeiro dia, nem consegui falar. Só chorava ao telefone. No dia seguinte, voltei a ligar para falar com ela”, recorda o jovem, que não vê a família há seis anos.

Bhoie já terminou o 12.º ano e agora faz parte da Academia Líderes Ubuntu, onde desenvolve actividades escolares por todo o país (<https://www.publico.pt/2019/09/13/p3/noticia/academia-lideres-ubuntu-ajudou-3500-jovens-desenvolver-capacidades-lideranca-1886457>). Mas o objectivo é voltar a sentar-se numa sala de aula e estudar Ciência Política e Relações Internacionais. No entanto, não sabe quando conseguirá fazê-lo, uma vez que ainda só tem a autorização de residência provisória no país e não reúne a documentação necessária para concorrer à bolsa de licenciatura destinada a estudantes estrangeiros.



“Os meus colegas de casa apoiam-me e tentam ajudar a sentir-me confortável aqui”, diz Yuliia MATILDE FIESCHI

Para Yuliia, as incertezas são outras: não sabe se, quando voltar a Kiev, a sua casa continuará de pé e em que estado se encontrará o país. Neste momento, só consegue acreditar na força do Exército Ucraniano e na vitória da Ucrânia

(<https://www.publico.pt/2022/03/24/infografia/russia-comecou-invasao-ucrania-ha-mes-tropas-crise-refugiados-veja-aqui-precisa-saber-guerra-674>). Já Bhoie pensa voltar a

Conacri, mas com outro objectivo. Seja no dia em que fugiu, quando cruzou o deserto ou atravessou o Mediterrâneo, nunca parou de pensar naquela que é a sua ambição, que vai resistindo desde os dias em que, criança, ouvia com atenção os ensinamentos do seu pai. “Um dia, vou voltar à Guiné-Conacri e ser o Presidente do país”, diz. “Penso nisso todos os dias. É o que quero ser.”

Subscriba aqui ([/alertas](#)) os nossos alertas sobre a Guerra da Ucrânia

Subscriba [os alertas do P3 \(/alertas\)](#) e avisamos-te quando publicarmos textos para ti



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- 🐦 Twitter
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

Informação legal

 **P**
Principais fluxos financeiros

Oferecer assinatura



[Estrutura accionista](#)

[Regulamento de Comunicações de Infracções](#)

[Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas](#)

[Gerir cookies](#)

[Ajuda](#)

[Termos e condições](#)

[Política de privacidade](#)

EMAIL MARKETING POR



@ 2023 PÚBLICO Comunicação Social SA